



2º Momento Literário de Planaltina: Uma Viagem Onírica

Antologia comemorativa aos 150 anos de Planaltina-DF

Academia Planaltinense de Letras - APL

2º Momento Literário de
Planaltina:
Uma Viagem Onírica



Planaltina-DF, 150 anos
2009

Copyright © by Academia Planaltinense de Letras - 2009

Organização

Joésio Menezes

Revisão de Textos

Joésio Menezes

Xiko Mendes

Capa

Francisco Neto

Célio Rodrigues (foto)

A168m Academia Planaltinense de Letras
2º Momento literário de Planaltina: uma
viagem onírica. – Planaltina: Maxxigráfica Editora
Ltda, 2009.
132 p.

1. Antologia. 2. Literatura brasileira. 3. Prosa
4. Poesia. I. Título.

CDD B869.15

Índices para catálogo sistemático:

1. Antologia B869.15

Todos os direitos reservados aos autores. Fica proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio, sem autorização prévia. De acordo com a Lei nº 9.610/98, a violação desses direitos é crime estabelecido pelo art. 184, do Código Penal Brasileiro.

Sumário

Prefácio (por *Xiko Mendes*) 7/10

Momento Literário de Planaltina aos 150 Anos

Adenir Oliveira 11/25

12-Saudade; 13-Passagem do Rio Cocal; 14-Noite; 15-Destino; 16-Sobre mim; 17-Fim do Mundo; 18-Hino ao Divino; 20-Canção de Ninar; 21-Vida; 22-Despedida; 23-Desencanto; 24-Desconhecido; 25-Realidade.

Aurenice Vitor 26/40

27-Vamos Ver TV?; 29-O Enterro das Horas (Um Lamento Planaltinense); 32-Festa na Sala de Cirurgia; 33-Madalena; 35-Raquel e Maria; 37-De Repente; 38-Greve de Amor; 39-Fragmentos de Saudades; 40-Sem Limites.

Geralda Vieira 41/55

42-Mãe; 43-Súplica; 44-Recordação; 45-Ponte JK; 46-Levante a Mão; 48-Eu Devia...; 49-Emoções; 50-A Luz; 51-Ser Criança; 52-Nossa História; 53-Tarde de Verão; 54-O Caminho da Vida; 55-Planaltina.

Joésio Menezes 56/70

57-Psicografando-me; 58-Cordel Autobiográfico; 61-Viver; 62-Hiperbolicamente Apaixonado; 63-Se Eu Fosse Um Poeta; 64-Meus Versos; 65-Consolo de Poeta; 66-Um Pedido a Deus; 67-Poeta, Sim Senhor!...; 68-Não Posso; 69-Corpo de Mulher; 70-Fogo / Planaltina.

Kora Lopes 71/85

72-Planaltina, Eterna Mãe de Brasília; 74-Tanto Querer; 75-Meu Limite; 76-Apenas Amor; 77-Somos Todos Iguais; 78-Amor Maior Que o Mundo; 79-Meu Céu Crepuscular; 80-Coração

Perdido no Tempo; 81-Quando a Alma se Solta; 82-Estações da Vida; 83-Migalhas; Embalos da Brisa; 84-Teu Olhar; 85-Ao Cair da Tarde.

Marcos Alagoas

86/100

87-Água; 89-Nova Era; 90-Poesia, Mãe dos Poetas; 91-Deus; 92-Dois Anjos; 93-Estrelas; 94-O Que Sou?; 95-Deus e o Poeta; 96-O Tempo; 97-Brasília de Oliveira; 99-Existo.

Vivaldo Bernardes (Morfeu Só)

101/115

102-Por Falar de Mulher; 103-Perdi Minha Varinha de Condão; 104-O Meu Idioma; 105-Página Virada; 106-Versos Alexandrinos; 107-Nomes que Escrevi; 108-Só Para...; 109-Insana Fatalidade; 110-Hino de Amor; 111-Metempsicose; 112-Já Nada Mais Me Resta; 113-Incerteza; 114-Vem, Potiguar!...; 115-Hosana à Academia Planaltinense de Letras.

Wilson Gonçalves (Convidado Especial)

116/130

117-Criança no Lixo; 118-Triste; 119-Saudades; 120-Paixão / Coração Negro; 121-Sonho; 122-Ermitão; 123-Quem Me Dera; 124-Menino de Rua; 125-Revolta; 126-Operário / Deus; 127-Decadência; 129-Destino.

MOMENTO LITERÁRIO DE PLANALTINA AOS 150 ANOS

Prof. **Xiko Mendes**

(da *Academia Planaltinense de Letras*
e da *Associação Nacional de Escritores – ANE*).

Preservar a Cultura de um Povo é dignificar o progresso como símbolo do trabalho. Preservar a Cultura de um Povo é venerar o **Passado** como princípio da evolução humana, é velar pela Civilização do Mundo. A sociedade que se deixa corroer pelo vírus do ESQUECIMENTO é a sociedade dos ignorantes e apátridas indigentes, que desprezam e contestam as próprias RAÍZES CULTURAIS. O aniquilamento da **História** por meio do ESQUECIMENTO reproduz a barbárie suicida dos que reprovam o PASSADO e repelem o curso interminável dos acontecimentos humanos. **Invocar a memória da Pátria por meio da voz de seus escritores e musas** é tarefa primeira de qualquer instituição cultural comprometida com a elevação da consciência nacional. É uma pena que governantes não pensem assim.

O Estatuto da *Academia Planaltinense de Letras* – entidade criada em 1998 – é peremptório na defesa institucional de sua existência, pois ela “*tem por finalidade o culto da Língua, da Literatura em suas diversas manifestações, o estudo e o conhecimento dos problemas sociais e científicos, a união e a congregação dos intelectuais de PLANALTINA, do Planalto Central e do Brasil, a difusão da cultura, das obras e dos conhecimentos gerais*”. Portanto, é da responsabilidade da APL essa missão de não deixar “passar em branco” efeméride tão jubilosa quanto essa do SESQUICENTENÁRIO DE PLANALTINA.

Cidade antiga surgida do desencontro entre a desilusão de garimpeiros decadentes no século XVIII e o sonho de

pecuaristas ávidos por ocuparem terras indígenas em espaços infinitos no século XIX, **essa Planaltina de becos e vielas centenárias que guardam no silêncio bucólico de seus casarios um baú de histórias não escritas é também a cidade que hospedou pioneiros.** Pioneiros como o MESTRE D'ARMAS que plantou essa cidade na beira do córrego que leva seu nome e suas águas correntes de esperança rio São Bartolomeu abaixo até o Atlântico; pioneiros como **José Gomes Rabelo** que tirou em **20/1 de 1811** um naco de sua fazenda, deu a **São Sebastião** para que ele salvasse o povo de uma epidemia e *assim começasse a cidade goiana de Mestre d'Armas, hoje Planaltina – DF.*

Tivemos, enfim, pioneiros os mais diversos que aqui chegaram transitando pela Estrada Real vinda da Bahia à Bolívia ou por outros caminhos da existência, parando com suas bagagens e ficando seu destino nesse território que se tornou um distrito de Luziânia-GO em **19/8 de 1859.** Pioneiros que sonharam com a construção de Brasília, gente que veio para ajudar na promoção de seu desenvolvimento ou gente que em Planaltina nunca morou, mas se comprometeu com o seu progresso intelectual e moral.

Celebrar Planaltina aos 150 anos é celebrar sua cultura e seu passado, mas é também fazer do presente uma luta gloriosa contra o esquecimento. E nada melhor para fazer isso se não por meio da poesia invocando lembranças de pessoas, lugares e situações vivas na memória. A ACADEMIA PLANALTINENSE DE LETRAS sente-se profundamente orgulhosa dessa celebração **ao reunir nessa 4ª Antologia OITO POETAS dispostos a cantarem a vida, distribuir flores, transformar silêncio em paz interior, falar do amor platônico ou libidinoso, decantar (em cada verso) as belezas registradas em nossa percepção como a água vai decantando as impurezas do mundo** até mares nunca antes navegados na imaginação luso-camoniã.

Essa 4ª ANTOLOGIA vem se somar aos três volumes anteriores: *Momento Literário de Planaltina*, livro publicado

em 1999 quando nossa cidade comemorava 140 anos; *Sonhos e Saudades na Abertura do 3º Milênio*, lançado em 2000, para celebrar a entrada do novo século, além de *Palavras, Sentimento e Paz*, obra alusiva aos 80 anos da Pedra Fundamental em 2002 – um dos marcos da importância de Planaltina na construção de Brasília.

Hoje, parte dos intelectuais planaltinenses se reúne novamente para **honrar seus compromissos acadêmicos em prosa e verso**. Convido o(a) leitor(a) a acompanhar o poeta ADENIR OLIVEIRA falando de saudade ao passar pelo rio Cocal, divagando-se na noite ao falar do desconhecido e da criança que habitam a realidade sobre mim, revelando sua fé no Divino Espírito Santo e despedindo-se antes do Fim do Mundo. Enquanto isso, AURENICE VITOR faz uma profunda reflexão sobre como o mundo moderno enterra as horas preciosas de nossa vida, como devemos ser alegres mesmo em momentos de dores lancinantes, como nos confortar após uma perda e reagir contra a indiferença. GERALDA VIEIRA invoca as mães como a melhor lembrança, celebrando **Planaltina como cidade-mãe de Brasília** e a Epopéia de JK como construtor da Nova Capital. JOÉSIO MENEZES reaparece com seus lindos versos líricos e alguns fesceninos, invocando sua *planaltinidade candangoiana nordestinizada* e tendo a poesia como sua metalinguagem única e primorosa.

Outra que nos dá o ar de sua graça na passarela das musas é a “Cora Coralina” dos becos candangos. Falo de KORA LOPES, poeta que escreve com leveza e sentimento, seja falando de uma Planaltina que morre nas horas ingratas de uma modernidade que mata a tradição, seja quando mergulha no eu lírico interior em seu âmago mais profundo para buscar entre nós o amor como bem supremo, a igualdade, a resignação, o sentimento de fuga, as migalhas da existência..., mostrando sempre a menina que não envelheceu dentro dela. Já MARCOS ALAGOAS nos fala de uma Nova Era com a valorização do meio ambiente, **um mundo onde a**

poesia seja a nossa metalinguagem na comunicação com as estrelas, o tempo e a vida, e Brasília, a meta-síntese de todas as linguagens que queiram entender o Brasil moderno. MORFEO SÓ, ao contrário do sobrenome, nunca está só. Destoando dos demais, utiliza-se de versos clássicos e de suas várias musas para eternizar a mulher como companheira inseparável de sua existência povoada de versos, amores, muitos amores num único amor: Terezinha!!!

Por fim, termino minha leitura dessa 4ª antologia da APL fechando sua última página com chave de ouro **ao deleitar-me com os versos rebeldes de um convidado especial entre os outros** sete poetas que me acompanharam nessa agradável *Viagem Onírica por Planaltina aos 150 anos*. Refiro-me ao poeta WILSON GONÇALVES, um homem que escuta o **diálogo entre rosa e lagarta** e extrai dele a **metáfora do Brasil**: um país desigual, com menores abandonados e muitos políticos corruptos. **O nobre poeta, apesar de triste e saudoso, acredita no Brasil porque aqui “ainda podemos sentir o cheiro das matas e contemplar o céu cor de anil”**. E também porque você, leitor, “*bem mais alto irá voar*”, levando esses versos em seu baú de saudades. E com a minha certeza de que **esse livro de poema e prosa é o MELHOR PRESENTE** para homens e mulheres sentimentais, **seres viventes, porém estranhos por que dotados de amor à poesia como outra forma de preservar a cultura** de que tanto falamos no início desse prefácio. **Que tenham uma boa leitura!...**

Adenir Oliveira

Cadeira XXXVI

Patrono: Érico Veríssimo



Adenir José de Oliveira Sousa, nascido em Planaltina-DF, fez o curso primário e ginásial na Escola Paroquial e o segundo grau (hoje Ensino Médio) no Centro Integrado de Ensino Médio – CIEM. Graduiu-se em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de Brasília – UnB.

Na sua profissão, executou vários projetos como: cenário fixo do Morro da Capelinha, Via-Sacra ao vivo, primeira reforma da Igrejinha de Fátima e do Museu Histórico de Brasília, dentre outros. Fez, ainda, várias projetos de residências e edifícios públicos.

Publicou, pela UnB, um trabalho sobre Habitação Popular de Baixa Renda, premiado pelo BNH, e participou das antologias **Momento Literário de Planaltina** (1999) e **Sonhos e Saudades na Abertura do III Milênio** (2000), obras publicadas pela Academia Planaltinense de Letras – APL.

Exerceu vários cargos públicos, dentre eles: Professor, Diretor de Cultura, Chefe de Gabinete, Assessor Técnico e, atualmente, trabalha na Câmara Legislativa do Distrito Federal.

Adenir Oliveira também é Artista Plástico, Animador Cultural e Coordenador da Folia de Reis e, nas horas vagas, POETA.

SAUDADE

Saudade, porque me deixas?
Saudade, porque te vais?
Saudade de um amor,
Saudade não passa mais.

Saudade foi de mansinho,
Deixou-me na solidão
Saudade, minha companheira,
Não abandones meu coração.

Um dia a saudade volta
E começa tudo novamente:
Meu coração a chorar
E a saudade seguindo em frente.

A saudade anda no ritmo
Do giro de nosso mundo,
Ela vai e volta sempre
Deixando um vazio profundo.

Assim mesmo, prefiro a saudade
À dor da solidão,
Pois ela enche-me de lembranças
Dando forças ao meu coração.

PASSAGEM DO RIO COCAL

(à mana Judite)

No raso daquele rio,
À sombra da gameleira,
Passava boi, passava boiada
Até alcançar a porteira.

A água respingava longe
Molhando todo o embornal,
O vaqueiro chamava o gado
Pelas águas do rio Cocal.

Assim foram muitos anos
Até mudarem a passagem,
Hoje a boiada passa
Em caminhões pela rodagem.

Os vaqueiros viraram peões,
Vivem todos nas cidades,
Aqui neste chão goiano
Nos resta só a saudade

Do vaqueiro chamando a boiada
Na passagem da gameleira,
Cantando e assobiando versos
Até chegar à porteira.

NOITE

Céu estrelado, noite vazia...
Vaga-lumes sinalizam,
Com suas lanternas fosforescentes,
O caminho na escuridão.
Num canto qualquer do infinito,
O silêncio faz sentir
Nos corações apaixonados
Trocadas de eternas carícias de amor.
E no vazio do silêncio,
O pensamento baila como borboletas,
Buscando os teus beijos,
O teu amor, a tua solidão...

Enquanto isso,
O céu continua estrelado,
A noite vazia e escura.
E os vaga-lumes acariciando-a
Num sutil vai e vem de luzes pisca-piscas.

DESTINO

Arrancaram-me da garganta
A minha voz,
Sufocaram a minha fala,
Não poderei mais gritar.

Dos meus ouvidos tiraram-me a audição,
Nunca mais poderei ouvir

Dos meus olhos tiraram-me a visão,
Jamais poderei enxergar.

Deceparam-me as pernas,
Não mais poderei andar.

Lavaram-me a minha mente,
Minha memória, meu pensamento...
Dilaceraram-me o coração que até hoje sangra.

Minha alma ficou intacta,
Pois nela somente Deus, o seu Criador,
Poderá tocar...

SOBRE MIM

Coloquem sobre mim
Mil pétalas de rosas;
Amarelas, vermelhas, brancas,
Perfumadas,
Azuis da cor do céu, do mar, do universo...

Coloquem sobre mim
Infinitas gotas d`água;
Frescas, límpidas, cristalinas,
Transparentes como o Sol, a Lua,
As estrelas, o alvorecer...
Coloquem sobre mim
A virtude, a paciência, a gratidão...

Coloquem sobre mim
Teu amor, teu carinho, teus beijos,
Tua paixão;
Sufocantes, pecaminosos, ardentes...

Coloquem sobre mim
A mão de Deus,
A tua mão direita,
Para afagarem-me, protegerem-me,
Silenciaram-me
Da dor, da angústia, da maldade,
Da injustiça e da ingratidão.

FIM DO MUNDO

As estrelas vão se apagar,
O Sol não mais brilhará,
A Lua se ofuscará,
A Terra desaparecerá
(daqui a três trilhões de anos)...

E você, onde estará?
Se o sol não brilhará,
O dia não mais amanhecerá
E a noite será eterna
Dentro da escuridão do universo.

Eu?
Gostaria de presenciar
A grande explosão solar
Sentado à sombra de uma árvore
Nascida à beira do mar
(que o homem certamente já destruiu).

HINO AO DIVINO

A folia está chegando
Nesta tarde de orações.
Vêm com ela o alferes,
Nobre guia e os foliões

Também vem o caixeiro
Com seu toque de alegria
Saudando o dono da casa,
Os devotos com as suas famílias.

Vem com ele a procissão
Procurador, regente e os cavaleiros.
As muçungas já chegaram.
Vêm junto, com elas, os violeiros.

Começou a saudação
Com cantigas de alegria.
Saúda o pai e saúda o filho,
O dono da casa e a Virgem Maria.

O pedido de agasalho
Também vem nas saudações,
Conta os ornamentos do cruzeiro
Paga promessas e as aflições
Nessa tarde abençoada,
Cheia de orações contritas,
Salve a bandeira do Divino,
Viva a procissão bendita.

Agradecendo a comida,
Também a acomodação,
Quero que o Divino
Pouse no fundo do meu coração.

A bandeira está no altar
Bem bonita que ela é,
Mas somente guia os passos
Dos devotos que têm fé.

A bandeira está saindo,
Igualzinho como chegou.
Louvado seja o Divino
Que nos trouxe paz e amor

Ele vai e ele fica,
Também à Virgem Imaculada
Pedimos as bênçãos do Divino
Para esta folia abençoada.

CANÇÃO DE NINAR

(à minha neta)

Geovana chorou, chorou,
Porque o vô a colocou no berço
E cobriu-a com o cobertor.

Não chore, princesa, não chore,
Só porque seu vô vai-se embora!

Se a Geovana chorar, chorar,
Seu vô vai ter que ficar
Pra acalantar.

Não chore, princesa, não chore.
Só porque seu vô vai-se embora!

Se Geovana continuar chorando
Os olhos do vô vão ficar lacrimejando.

Não chore, princesa, não chore.
Só porque seu vô vai-se embora!

VIDA

Eu só falo da vida
Por que falar da morte
Se ela é a própria confirmação
Da vida?

Só falo de amor
Porque o amor é vida
E a vida é o amor
Que sente em viver.

Só falo em felicidade
Porque a felicidade é o amor.

Só falo de você
Porque você é a imagem da vida
O sentimento da felicidade
A doçura do amor.

É tudo,
O Invisível.
Eternamente Você!

DESPEDIDA

Olha-se nos olhos e vê-se amor
Dos quais duas lágrimas descem
Na garganta dá-se um nó
As mãos trêmulas parecem

Um fio sente-se no peito
Transborda a alma de amor
Tudo cala e espera
No âmago chora uma dor

É hora da despedida
Hora negra da ilusão
Fala tudo de esperança
Chora triste o coração

Agarram-se duas mãos trêmulas
Abraçam-se com muito desejo
É hora fatal da partida
A despedida é um beijo.
(Uma outra fase)

DESENCANTO

Eu te procurei por todas as galáxias.
Fui ao infinito,
Por toda a parte,
Não te encontrei...

Estavas juntinho de mim,
Não te enxerguei,
Te perdi,
Não te achei...
Vivemos sozinhos,
Que pena!

DESCONHECIDO

A Lua,
As estrelas...
A Lua passou
... e as estrelas?

Quantos esperam pela Lua nova,
Esperam.
Quantas luas?
Tantas estrelas!

A Lua,
As estrelas...
A imensidão do Universo,
O infinito...

Profundo Mistério.

REALIDADE

Um rosto na multidão.
Aterrorizado,
Mascarado,
Humilhado...
Escondido na multidão.

Um rosto,
Sobre o rosto,
Do rosto.

Aquele rosto é o seu...
Rosto,
Abatido,
Desfigurado,
Cansado.

Rosto que some...
Que aparece...
Na multidão,
Na escuridão,
Na solidão.

Um rosto
Marcado.
Apenas,
Um.

Aurenice Vitor

Cadeira XXXIV

Patrono: Vivaldo Bernardes de Almeida



Filha do baiano Antonio Vitor e da mineira Nair Cândida de Sousa, **Aurenice Vitor dos Santos** nasceu em Formosa-GO, no ano de 1967. Somente aos 11 anos conheceu a escola, mas aos 13 já escrevia seus primeiros versos, os quais falavam de uma infância sofrida, porém cheia de sonhos e fantasias.

Sempre ligada à literatura, Aurenice Vitor cultuou seu bom gosto expressando seus sentimentos por meio da poesia e dos contos. Desde então, tornou-se atuante nesse campo e durante 03 anos participou do *Coletivo de Poetas de Brasília*, onde teve a oportunidade de apresentar seu trabalho, organizando e apresentando vários saraus pelas noites brasilienses.

Com uma linguagem simples, mas cheia de lirismo, Aurenice fala da fé em Deus, do Social e das várias faces da vida. É autora dos livros **Navegantes da Solidão** (1999, Editora Thesaurus), **O Homem Mais Rico do Mundo** (FAC, 2005) e **Tão Longe... Tão Perto** (inédito).

VAMOS VER TV?

Quem nunca ouviu falar em televisão de cachorro?... Uma assadeira de frangos cheia, e o Totó, o Rex, o Pluto e outros mais, todos sentados (de longe, é claro!) assistindo à cena, sem piscar, com a memória do estômago.

TV de mariposas e besouros são lâmpadas acesas em noites frias.

Mas essa merece maior atenção. Estou referindo-me a uma TV humana, carinhosa, paciente, prestativa, atenta, durona quando preciso, mas uma televisão.

Era a cena... aquela a que a humanidade deveria assistir de vez em quando, para medir a dimensão do seu coração.

Lá na casa do Sr. Mário e D. Onila, a recepção é extraordinária!... Quem vai lá uma vez vira freguês; quer ir sempre. E assim foi inclusive comigo. A nossa TV também está lá!...

Era feriado e a casa estava cheia: visita de parentes e amigos. Seu Mário entretido, prestando atenção à conversa de um casal de amigos. Mércia conversava com outra pessoa e eu assistia a uma cena que marcou aquele dia, porque me mostrou que podemos ser tudo sendo gente, para nós mesmos ou para outras pessoas.

Lá, a Telma é uma espécie de governanta: responsável por tudo o que ocorre na casa e em volta dela. Está sempre cuidando dos filhos dos outros; dá ordens; corrige; cuida de tudo sem reclamar, rotineiramente.

A cena tal de que não me esqueço era, no mínimo, comovente: duas meninas pequenas, que brincavam na varanda onde estávamos, queriam ver TV.

- Tia Telma, você agora é a nossa televisão! – falou Sabrina.

Telma, que estava sentada alheia às outras pessoas, endireitou o corpo e ficou imóvel, estática, ereta, como se fosse um aparelho esperando ser ligado, e Sabrina, que havia dado tal sugestão, tratou de ligar a TV. Girou a mãozinha como se pegasse no botão e... ZÁS! A televisão funcionou e o locutor “Telma” começou a falar um noticiário qualquer.

- Não, não queremos jornal!... Queremos desenho! – retorquiu Sabrina.

Novamente girou a mão, como se estivesse mudando de canal. Telma agora fazia peripécias, tentando imitar alguns bichinhos de desenhos animados.

- Não, não é nada disso! Quero um desenho melhor!... Que programa ruim! – reclamou a telespectadora mal-agradecida.

E lá foi novamente a mãozinha e... outro canal. Agora era a vez da Xuxa, e a “televisão humana” mudou de voz outra vez e virou Xuxa. Fez mesuras, falou estaticamente, movimentado apenas a boca e as mãos. Mas criança não é fácil!... E de novo a brincalhona insatisfeita reclama:

- Não tem nada de bom nessa televisão! Vamos ver o jornal mesmo?

“Plim-plim!... No ar, Jornal Nacional!”

- Para, para! Você é o homem que fala, não é a mulher não!... Só depois que a mulher fala, não é, Erlaine?

- Tá bom! – respondeu Telma.

Engrossou bem a voz e fez a abertura do Jornal. Telma não tem limites.

- Para, para com essa voz! Está muito estranha! Vamos desligar essa televisão?

Clique!...

O ENTERRO DAS HORAS (UM LAMENTO PLANALTINENSE)

O que fazer para não lamentar o enterro das horas?

Horas felizes não enterramos, as guardamos num cantinho especial. Mas são poucas as que têm esse privilégio.

Enterramos as horas em filas esculturais; nas portas dos bancos que nos oferecem serviços lentos e estressantes; nas filas dos hospitais de atendimento precário e de funcionários mal informados ou mal formados mesmo, ou ainda de profissionais anti-profissionais, os quais utilizam equipamentos obsoletos. Mas as resgatamos quando encontramos nesses mesmos lugares pessoas que trabalham com amor e por amor!...

Enterramos as horas quando uma aluna assassina outra no pátio da escola sem motivo algum; quando um policial é flagrado espancando um torcedor no campo de futebol ou nos seus arredores, abusando do suposto poder que ele acredita ter. Enterramos as horas quando uma mãe vai ao IML para reconhecer o corpo do filho, que fora morto por traficantes, às vezes por estar devendo-lhes ou por se negar a ser um deles, ou ainda pelo simples fato de estar passando por onde eles costumam brincar de dar tiros sem direção.

Enterramos as horas quando uma cidade de história e costumes seculares, feito Planaltina, sai nas páginas dos jornais com o rótulo de “Cidade mais perigosa do DF”, quando na verdade deveria ser considerada a mãe de todos os candangos. Enterramos as horas quando presenciamos o desrespeito e a insensibilidade dos governantes para com esta cidade, considerada o berço da Cultura Cerratense, pois nada fazem para que aqui tenha um cinema, um teatro, uma

escola de artes ou até mesmo uma Casa de Cultura, a fim de que nossos jovens sintam orgulho da sua cidade e não se vejam na obrigação de buscar lazer nas cidades vizinhas.

Enterramos as horas quando vemos pais esquecerem seus filhos diante de um computador digerindo informações que nem sempre têm capacidade ou maturidade para compreendê-las e assimilá-las sem nenhum tipo de consequência trágica.

Enterramos as horas quando presenciamos meninas de 12, 13 ou 14 anos prostituindo-se, na maioria das vezes sem que os pais tenham conhecimento, mas sob os olhares desatentos das autoridades.

Enterramos as horas quando não assumimos as nossas obrigações e responsabilidades para com aqueles que colocamos no mundo; quando os deixamos a mercê da vida e do destino.

Enterramos as horas quando depositamos nossos votos nas Urnas movidos pela ignorância, pois nunca sabemos quem são de verdade as pessoas em quem votamos; quando não cobramos o que nos é de direito; quando resolvemos descontar no próximo o mal que nos fizeram.

Enterramos as horas quando esquecemos que o bem maior que Deus nos deixou foi o Amor. Para muitos:

Amor mal recebido;
Amor mal reconhecido;
Amor mal distribuído;
Amor mal dividido;
Amor mal vivido;
Amor não sentido;
Amor não correspondido.

Enterramos as horas quando fechamos o nosso coração para a verdade; quando olhamos somente para o nosso umbigo e colocamos a responsabilidade de tudo nos

ombros dos outros, responsabilidade por uma culpa que muitas vezes ou principalmente é só nossa.

Resgatamos as horas quando damos Cultura e criamos condições de vida para tanta gente vazia de saber; carente de Deus, de amor, de carinho, de um lar, de um irmão, de um pai, de uma mãe ou simplesmente de um prato de comida.

A culpa da falha humana é humana. A morte das horas são horas perdidas, são vidas vazias passadas em vão. E o resgate dessas horas somente será possível quando o povo aprender a viver como irmãos.

FESTA NA SALA DE CIRURGIA

(Aos Drs. Nicodemos e Antonio, do Hospital Santa Rita,
Planaltina-GO)

Então... faremos uma festa na Sala de cirurgia. Aproveitaremos a chegada do Dr. Nicodemos e o Dr. Antonio se encarrega de distrair a paciente a ser operada.

Há quem diga que ele é um chato e provocador, mas qual importância tem a opinião de quem não o entende a quem já o tenha aceito e até se beneficiado dessa forma de ele atender, usando a musicoterapia.

Como seria melhor se em todas as salas de cirurgia tivessem músicas religiosas ou outras quaisquer, e que os médicos exercessem seriamente suas tarefas com brincadeiras que distraiam os pacientes enquanto são operados, ainda que usassem o machismo, o feminismo ou outros ismos quaisquer em suas brincadeiras. Assim, os pacientes ficariam mais à vontade, sentir-se-iam bem, não sentiriam sua pressão subir e os resultados pós-cirúrgicos seriam bem melhores.

Para que sermos vítimas se podemos ser platéia? Para ficarmos frios se podemos sentir calor? E para que sermos angústia se podemos ser amor?...

MADALENA

Madalena, não quero que te acordes.
Essa dor que sinto é só minha...
Se me falta teu carinho
É porque carinho por mim já não o tinhas!

Madalena, não leves de mim
As mazelas que trago no peito,
Pois eu morro contorcendo-me
Com as dores dos amores não correspondidos.
Se é esse o meu desejo,
Então, não tem jeito!...

Madalena, dá-me apenas o teu colo
Quando eu cair desse meu mundo de ilusão,
Pois minha alma flutua à tua volta
E a tua faz festa no meu coração.

Dá-me, Madalena, um resquício de esperança!...
Como brasas, de fagulha em fagulha,
Meu amor cresceu
E, por tudo que me negaste,
Tal qual brasas, queimou-me
E depois morreu...

Não, Madalena, não!... O meu amor não morreu!
Fui eu que, de tanta dor, dissequei-me somente
Qual uma estátua de pedra,
Sem vida, sem ilusão, sem sabor...

Oh, Madalena minha!... só minha Madalena,
Sereia encantada, ilusão dos meus sonhos,
Sou alma penada que vagueia a te procurar,
Sem porto seguro, sem partida,
Sem chegada...

Dá-me, Madalena, ao menos um teu olhar,
Que é a luz dessa alma perdida,
Pois vivo só de tristezas e dores,
E por tua felicidade darei minha vida.

Madalena, não esqueças que alguém
Morre de amores por ti...
Basta que leves rosas ao meu túmulo!
Chorar, nem será preciso.
Dize apenas que no teu coração
Eu ainda não morri...

RAQUEL E MARIA

“Oi, mãe, eu queria muito lhe falar,
Queria poder dizer que partiria.
Sei que você não iria aceitar,
Mas juro, eu também não sabia!

A passagem que comprei foi só de ida.
Foi o Pai maior quem me chamou.
Sei que deixei tristeza na sua vida,
Mas sei também que você sempre me amou.

Oi, mãe, pare de chorar!
A dor no seu peito eu sei que é ruim,
Mas é o destino, ninguém pode mudar.
Foi Deus quem chamou por mim...

Seu amor, eu sei que não termina,
Que no seu coração eu vou sempre viver,
Mas aí consigo já cumpri minha sina,
Por isso é que deixei você.

Oi, mãe!... Agora tudo é triste.
Sei que a minha falta lhe faz descontente,
Mas para provar que o meu amor existe,
Deixo-lhe meus filhos de presente.

Mãe, não chore a minha ida.
Aceite o que lhe foi determinado.
Fez-se necessária a minha partida.
Eu também queria ficar mais ao teu lado.
Oi, mãe!... A sua dor me incomoda.
Como eu gostaria de lhe dizer:

Cuide agora de quem aí ficou.
Meus filhos precisam de você!...

Se eu pudesse ter dito a todos que me amam
Que o meu tempo aí havia vencido,
Receberia todos os abraços de despedida
Antes mesmo de ter partido.

O que eu gostaria de agora dizer
A quem realmente me amou
É que procure não me esquecer,
Mas cuidem de quem aí ficou!”

Partiu bem cedo dessa vida,
Subindo direto para o céu,
Sem falar do amor, da dor, da partida...
Um anjo chamado RAQUEL.

Deixou filhos, pai, mãe...
Partiu sem falar aos seus.
A dor de que ficou certamente é grande,
Mas ele foi ao encontro de DEUS!

DE REPENTE

De repente o meu tempo se esgotou
E tu não me disseste nada...
Não te toquei, não te beijei
E já era madrugada.

Tu apenas me olhaste
Triste, frio como o orvalho lá fora.
Noite clara, Lua cheia,
Madrugadinha... e eu indo-me embora.

De repente meu tempo se esgotou
E tu não me disseste nada...
Não reclamaste minha ausência
Nem minha dor tão calada!

O carinho frio do beijo,
Minha falta de desejo,
Tudo culpa dessa vida infame,
Daquele álcool ingerido,
Do telefonema anônimo
Que tu já havias esquecido.

Tudo conspirando contra o amor,
Afogando os prazeres nessa hora calada.
De repente tu viraste pro canto e dormiste
E minha dor aumentou, no fim da madrugada!

De repente tudo era silêncio e solidão,
E tu... não me disseste nada!

GREVE DE AMOR

Meu coração entrou em greve.
Não quer amar.
Bati piquete do lado de fora do seu coração,
Não adianta diminuir meu salário,
Não volto!!!
Não adianta cortar meus dias...
Não volto!!!

Meu coração está em greve,
Está cansado de tudo,
Das noites de insônia,
De pensar em você,

De dar plantão sem remuneração,
De amar sozinho,
De sonhar sozinho,
De querer sozinho...

Meu coração está desistindo
Da vida dura, da falta constante,
Do desejo não realizado.
Meu coração já desistiu
Da sua presença aqui do meu lado.

Meu coração... entrou em greve!

FRAGMENTOS DE SAUDADES

Onde estavas tu quando a tinta borrou a tela,
Apagando um cigarro no dedo esquecido?
Não, tu estavas a pensar só nela,
Naquela que há muito tinha partido.

Te assustaste com a força do meu olhar
Na ilusão perdida...
Tenho tua presença a todo instante, embora
Nem notes que de ti
Eu nunca tenha me esquecido
E que minha paixão por ti
No tempo se demora.

Quase que, para não pensar em ti,
Desfaz-se a todo momento a minha realidade
E –ora veja! – fingindo que já me esqueci,
Contento-me com meus fragmentos de saudade.

Hoje nem pensei naquela tela que borrou,
Nem cobre o olhar que não me deste;
Sei que muito ao teu passado voltaste
E que dela jamais te esqueceste...

SEM LILMITES

Quero beber da água
que deixo em tua boca.
O néctar apreciará, certamente,
e afogar-se-á na enchente do meu prazer
porque o meu amor é o rio corrente.

Quem tocar a tua pele depois de mim
queimar-se-á num fogo ardente,
pois deixo em ti o fogo do meu prazer.
Meu amor é fogo que queima mansamente...

Tudo em ti, depois do nosso encontro,
será diferente e abrasador.
Ter-te foi acordar para a vida
e ter-me foi acordar para o amor.

Geralda Vieira

Cadeira XXXIII

Patrono: Rui Barbosa



Geralda Maria Vieira, natural do município de Nova Veneza-GO, filha de Lindolfo José da Silva e de Rita Maria de Jesus, nasceu a 18 de outubro de 1930.

Viúva de Geraldino Vieira Pereira, com quem teve três filhos (Edson, Vânia e Carlos), Geralda Vieira trabalhou como Professora em sua cidade natal e, em Brasília, foi funcionária pública da Procuradoria Geral da República. Hoje, aposentada, exerce a função de empresária no ramo da hotelaria (é proprietária do hotel “O Casarão”, em Planaltina-DF).

Poetisa, contista e romancista, Geralda Vieira começou a escrever ainda muito jovem. É autora dos livros **A Praça e a 3ª Idade** (Brasília, 2004) e **O Diário de Um Escoteiro** (2009), além de textos publicados na antologia **Orizona em Prosa e Verso** (Orizona-GO, 2002), publicação coordenada por Olímpio Pereira Neto e João Pereira de Almeida.

Geralda Vieira também escreveu **Esperança, O Universo de Dino e Dinóca** e **As Confissões de Pituca**, livros ainda inéditos (sendo os dois últimos voltados ao público infantil).

MÃE

Mãe, quantas vezes
Eu lhe acordei,
Na escuridão da noite
Eu lhe chamei,
Nos meus sonhos
Eu lhe falei,
Nos seus braços
Você me protegeu
E nos seus seios
Eu mamei?

Mãe, quantas noites de dor
Eu chorei
E com seus carinhos
Eu me calei,
Com a sua bondade
Você me amparou,
Com seu amor
Eu me alegrei
E com seu olhar
Eu enxerguei?

Mãe, a luz do dia
Você me mostrou,
Do calor do Sol
Você me escondeu
E dos pingos da chuva
Me protegeu...
O amor que você me deu,
Mãe, muito me valeu,
Pois seu filho está bem
Porque cresceu...

SÚPLICA

(à mãe de um drogado)

Deus, será que o demônio
É mais forte que o Senhor?
Será que o demônio tem poder
Para dominar as pessoas?
E elas não conseguem se defender?

Senhor, ajude-me!...
Eu lhe peço com todo o meu amor:
Que meu filho não seja dominado
Por uma droga que o deixa tão arrasado.

Que a luz e a força Divina
Tenham poder de ajudá-lo
A encontrar o caminho certo a percorrer.
Com Sua bênção e Seu amor,
Que ele encontre paz no seu viver...

Quem sabe um dia
Ele possa acordar desse pesadelo
Que ele não consegue dominar
E nos Seus braços poder
Uma nova vida encontrar?

RECORDAÇÃO

Há meio século e um pouco mais
Eu conheço esse grande nome,
Falando com muito carinho
Eu não esqueço jamais.

A luz do seu olhar
É a fonte de toda energia,
Mãe, você é tudo que eu quero
Com muito amor e alegria.

Falo ao seu coração,
Caminho pelo seu olhar...
Ouço sempre sua canção
Nas noites escuras e de luar.

Mãe, quanta saudade
De ouvir-lhe falar!...
O seu jeitinho de bondade
Como é bom recordar.

Recordo com grande alegria
Os dias que se passaram...
Mãe, como eu queria lhe ver
Sorrir e cantar, sem emudecer.

PONTE JK

Nasci no Lago Paranoá,
Sou vistosa e muito bonita.
Recebi o nome de JK
E as pessoas que me visitam
Não se cansam de me elogiar.

Fico feliz quando se acendem as luzes
Que iluminam os passos das pessoas...
São momentos de ternura e admiração,
Os quais não consigo explicar.

Os peixes me olham e nada me dizem
Porque não sabem falar...
Mas com a beleza das luzes
Eles sentem-se seguros para nadar.

Sou um cartão postal de Brasília,
Fico esperando alguém me levar
Para outras cidades, outros países,
E revelar ao mundo todo
A minha beleza e a força JK.

LEVANTE A MÃO

Levante a mão, Juscelino,
Mais uma vez!...
Não diga NÃO
Ao povo que não o esqueceu!...
No coração de cada brasileiro
Você não morreu.

Levante a mão, Juscelino!...
Levante a Bandeira mais uma vez!
Não deixe seu povo
Sofrer justiça e humilhação
Assim como você sofreu.

Levante a mão, Juscelino!
Aponte para o horizonte,
Onde seu povo
Sofre com o desmonte
De uma nação operante
E cheia de esperanças
De um dia se ver exuberante
Como você um dia sonhou.

Levante a mão, Juscelino!
Olhe para o Brasil mais uma vez.
Não para dizer adeus,
Mas para ficar na lembrança
Dos brasileiros errantes
E de um povo herói
Que sabe lutar e vencer
Nesse país onde a esperança
Nunca haverá de morrer.

Como um herói que foi
E como será para sempre
O nosso grande Presidente,
Use o seu amor de médico
De um país doente
À espera da cura
E traga a paz
A esse povo carente.

Levante a mão, Juscelino,
E mostre o caminho para o homem
Que chora e grita com a esperança
De viver num país mais alegre
E ver seu povo feliz.

Levante a mão, Juscelino,
E diga:
“A luta é nossa, meu povo,
Vamos em frente!”

EU DEVIA...

Eu devia ser poeta
Para expressar o que sinto,
Falar de amor e sentimento,
Sorrir para não chorar.
Mostrar para o mundo
Que o sol pode brilhar.

Eu devia ser poeta
E sentir o coração cheio de amor,
Não deixar a felicidade passar
E nem a paixão acabar,
Porque o amor é lindo e deve nascer
No coração de quem quer viver.

Eu devia ser poeta,
Escrever as palavras corretas
Que tocassem nos corações cheios de amor
E fizessem a lua clarear,
Porque o Amor não pode acabar.
O melhor é saber esperar...

Eu devia ser um poeta
Que guardasse dentro do coração
Amor, sentimento e paixão;
Que fizesse o tempo parar,
As águas correrem e as estrelas brilharem.
Só assim o mundo seria lindo,
As pessoas saberiam sorrir
E não aprenderiam a chorar.

EMOÇÕES

Sentir-se emocionado,
Falar de amor.
E estar apaixonado
Tudo pode acontecer.

São sentimentos
Que unem os corações
De quem sabe viver
Uma vida diferente
Encontrando o prazer.

Sem amor e emoção
É difícil entender
Que na vida
Tudo pode acontecer,
Mas o amor e a paixão
Devem sobreviver.

A LUZ

Você é minha luz,
É meu caminho
Em que posso passar
Para chegar
Aonde você está.

Você é meu sono,
Para eu dormir
E acordar bem cedo
E seus passos seguir.

Você é o ar
Que tenho para respirar,
É minha voz para eu falar
E poder lhe dizer
Que eu quero lhe amar

Você é tudo para mim
Falta revelar o seu amor
Para eu viver feliz
Como sempre quis.

SER CRIANÇA

Ser criança
É saber viver,
Aprender a falar
Sem medo de errar,
Sem receio de tropeçar.
Ser criança.
É viver o presente
Sem pensar no amanhã,
É correr, pular, brincar...
Ser criança.
É sorrir das pequenas
Coisas da vida,
É saber brincar sem medo,
Cair e se levantar.
Com a vida, vale a pena brincar!...
Ser criança
É viver correndo no espaço
Como se fosse o ar
Que respiramos,
É não esquecer que a criança
Assim para sempre será.

NOSSA HISTÓRIA

A história de nossa vida
Eu não vou esquecer,
Ela é muito bonita
Para deixar morrer.

Foram momentos felizes
Que ficaram guardados
Nos meus sonhos,
Mesmo estando eu acordado.

A vida foi difícil
Para nós dois,
Os nossos encontros
Ficaram na lembrança
De duas pessoas
Que se amaram de verdade,
Que viveram um amor
Que ficou na saudade.

TARDE DE VERÃO

Era uma tarde de verão...
O calor estava escaldante,
Eu amarrei uma rede na varanda
E comecei a me balançar
Para ouvir o sabiá cantar.

As lágrimas nos meus olhos
Começaram a rolar.
Eu me lembrei da vida de criança,
Mas o tempo não vai voltar.
Para aumentar as minhas recordações,
Os outros pássaros começaram a cantar.

Era a sinfonia da floresta
Que eles queriam mostrar.
E o que eu deveria fazer?
Ouvi-los e deixar a rede balançar,
Tirar um bom cochilo
E deixar meu corpo descansar!...

O CAMINHO DA VIDA

Era no caminho da vida
Que eu queria passar
Para encontrar alguém
Com quem pudesse falar.

Andei dia e noite
E não consegui encontrá-lo.
Na encruzilhada da vida
É tão difícil acertar!...

Eu não sabia como chegar
No fim da caminhada,
Pois se nem uma passagem
Eu encontrei na estrada

Para falar com essa pessoa
Que não deixei de amar,
Mas ao final do caminho
Eu sei que vou encontrar.

PLANALTINA

Planaltina é poesia,
É a mãe de Brasília
Que mostra o morro da Capelinha,
Guarda a Pedra Fundamental
E tem muita história para contar
Por escritores que aqui nasceram
E pelos que aqui vieram morar.

Quem a conhece,
Aprende a amá-la e a respeitá-la,
Pois seus orgulhosos moradores
São fazendeiros, são médicos,
São advogados e professores,
Catireiros, violeiros
E também trovadores
Que sapateiam e catam
Suas canções, seus amores.

Ah, como é bom
Sentar debaixo do jenipapeiro
Para ouvir os pássaros cantarem
Suas lindas sinfonias,
Como o sabiá que vive a alegrar
Seus moradores e seus visitantes!

Planaltina, eu te amo de Paixão,
Tu para sempre estarás
No fundo do meu coração!...

Joésio Menezes

Cadeira XXVII

Patrono: José Geraldo Pires de melo



Joésio de Oliveira **Menezes**, filho de Raimundo Antônio de Menezes e de Maria Francisca de Oliveira Menezes, nasceu a 16 de maio de 1961, em Tobias Barreto – SE. Veio para Planaltina – DF em dezembro de 1970 e desde essa época considera-se filho adotivo da cidade que o acolheu quando da sua chegada a Brasília.

Pós-Graduado em Língua Portuguesa (Lato Sensu) pela Universidade Salgado de Oliveira – UNIVERSO, é professor da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal – SEE/DF e membro fundador da Academia Planaltinense de Letras.

Joésio Menezes é autor dos livros **Nas Asas da Poesia** (1998), **Fragmentos de Mim** (2002), **Um Dedo de Prosa** (2007) e **Planaltina em 150 Versos** (2009), além de trabalhos publicados nas antologias: **Momento Literário de Planaltina** (1999), **Sonhos e Saudades na Abertura Do III Milênio** (2000) e **Palavras, Sentimento e Paz** (2002), obras lançadas pela APL.

Joésio é verbete no **Dicionário de Escritores de Brasília**, de *Napoleão Valadares*, e na **2ª edição da Enciclopédia de Literatura Brasileira**, da *Global Editora*, em parceria com a *Fundação Biblioteca Nacional* e a *Academia Brasileira de Letras*, cuja direção ficou a cargo de **Afrânio Coutinho** e **J. Galante**.

PSICOGRAFANDO-ME

Vindo do interior nordestino
Aqui cheguei ainda menino
E finquei pé no sagrado chão
Da antiga Altamir, hoje Planaltina,
Cidade secular com jeito de menina
Sonhadora e cheia de paixão.

Não sei se por encanto ou empatia,
Meu sentimento, desde aquele dia,
Foi o de paixão à primeira vista.
Planaltina adotei como minha cidade
E o que sinto por ela é amor de verdade,
Ainda que a natalidade inexista.

De lá para cá já se vão muitos anos
Traçando metas e fazendo planos
De pouco a pouco chegar à vitória.
E foi nessas terras mestredarmenses
Que conquistei espaço, construí pertences,
Formei família, escrevi minha história...

CORDEL AUTOBIOGRÁFICO

Nasci em Tobias Barreto,
Lá pras bandas do agreste,
Interior de Sergipe,
Terra árida do Nordeste,
Onde os fio da seca
São “chamado caba da peste”.

Meu pai era alfaiate;
Minha mãe, costurera;
Meu avô fazia de tudo;
Minha avó, mulé rendera;
E eu, que num fazia nada,
Levava a vida na brincadera.

Desde pequeno, inda minino,
Eu sonhava sê dotô
E minha mãe sempre dizia:
“Siga os passo do seu avô,
Ele fazia de tudo,
Foi um home trabaiadô.

Era muito respeitado
E por onde ele passô
Tinha fama de home sério,
Educado e respeitadô.
Era isperto e tinha cultura,
Porém nunca istudô”...

As palavra da minha mãe
Inda soa nos meu ovido,
Mas o que ela me disse
Foi quase tudo pirdido,
Pois num sigui os passo
Do meu Vozinho quirido.

Alguns anos mais tarde,
Quando ainda era minino,
Acompanhano minha mãe
Dexei o solo nordestino
E noutra terra fui morá,
Onde iscrivi o meu distino.

Apiamo em Brasília,
No Centro-Oeste brasileiro,
Terra desconhecida,
Habitada por forastero,
Inclusive meus irmão
Que aqui chegaro primero”.

Viamo prá Pranaltina
E investi nesse chão
Os sonho de minino
Que habitava meu coração,
Sem m’isquecê, porém,
Do meu quirido torrão.

Os anos fôro passano
E eu ficano mais criscido;
O bigode foi nasceno
E aumentano minha libido;
O amô, intão, surgiu...
Já era home maduricido!

Uma namorada aqui,
Um namorico acolá,
Conheci Binidita
Lá pras bandas do Guará,
Cum ela me casei
E vi minha vida miorá.

Ela, intão, me deu dois fio,
Um casal de bons minino,
Hoje já bem criscidos
E traçano seus distino
Prá tê uma vida mió
Que a do pai nordestino...

Não realizei meu sonho
De me formá em dotô,
Mas iscrevo alguns versos
Como se fosse iscritô
E levanto as mão pro céu,
Pois hoje sô um professô.

VIVER

“Viver é afinar o instrumento”
De percussão que dentro do meu peito,
Descompassadamente, desafina
Sempre que apareces diante de mim;
É sentir no rosto o sopro suave da brisa
Com cheiro de saudade,
Com sabor de felicidade,
Com frescor de paixão...

Viver é sentir nos lábios
O gosto inebriante do mel
Que expelem os lábios teus
Sempre que unidos aos meus estão;
É roçar a minha pele na tua e nela sentir
A essência excitante de fêmea no cio,
O calor abrasante do meu desvario,
O fogo ardente do nosso tesão...

HIPERBOLICAMENTE APAIXONADO

Por ti eu morro de amor,
afogo-me num mar de lágrimas,
transbordo de felicidade
e inundo-me de paixão
enquanto o meu coração
explode de alegria.

Por um beijo teu
escrevo um bilhão de versos,
percorro meio mundo
e, em um centésimo de segundo,
atravesso as fronteiras do Universo
em busca do êxtase infinito.

Pelo teu sorriso
sou capaz de roubar as estrelas,
sequestrar os planetas
e rabiscar o firmamento
com as infinitas palavras
que habitam meu pensamento.

Pelo brilho do teu olhar
sou capaz de apagar a luz do Sol
com um sopro apenas
enquanto as labaredas do tesão
derretem meu pudor
e levam-me ao ápice da vida.

SE EU FOSSE UM POETA...

Se eu fosse um poeta,
Minha vida estaria completa
E minh'alma em alto-astral.
Estaria eu mais confortado,
Pois teria aqui, ao meu lado,
A musa da noite dominical.

Se eu fosse um poeta
Faria uma poesia concreta
No formato de uma estrela-guia
E a colocaria nos braços do vento
Que, mediante juramento,
Somente a Patrícia a entregaria.

Ah! se poeta eu fosse um dia!...
Alguns versos eu escreveria
E os ofereceria a Patrícia Poeta,
Mesmo sabendo que ela poderia
Responder-me, com simpatia:
“Que pena!... Não és poeta!”

MEUS VERSOS

Sinto que meus versos andam escassos
E que, às vezes, eles também são
O retrato fiel dos meus fracassos,
Resultado da falta de inspiração.

Sinto ainda que ao seguir os passos
Furtivos do processo de criação,
Meus versos vão deixando espaços
Vulneráveis à ausência da emoção.

Vão perdendo também o valor
Racional que há no escritor
De sina vã, de vida indiscreta.

E assim eles vão surgindo ao léu:
Abrindo lacunas, fazendo o papel
De mensageiro do insano poeta.

CONSOLO DE POETA
(ao amigo Vivaldo Bernardes)

Caríssimo Poeta Peregrino,
Que o “Inferno não é eterno”, eu sei,
Mas lá bem perto também já passei,
O que quase me levou ao desatino.

Há muitos anos, ainda menino,
Com a baixa-visão me deparei
E de lá para cá sempre lutei
Contra as armadilhas do tal Destino.

Minha vida quase perde o sentido
Logo depois que fui acometido
Por uma inesperada cegueira.

No entanto, fui bem mais perspicaz
Que o arguto e perverso Satanás,
E dela fiz a “fiel Companheira”.

UM PEDIDO A DEUS (à jovem Bárbara Cristina)

Se algum dia eu pudesse pedir
a Deus um sorriso de presente,
certamente eu pediria o teu,
pois é dele toda pureza
capaz de transformar os homens
em seres divinamente racionais.

Se algum dia me fosse dada
a chance de conversar com os anjos,
teu nome seria por mim o mais invocado,
pois barbaramente fui seduzido
pelo teu jeito efusivo e angelical
de cativar os mortais de coração impuro.

E se Ele ainda me permitisse
um outro pedido, um outro regalo,
eu imploraria aos céus
a firmeza do teu olhar sedutor
e nele me espelharia,
para a grandeza do meu ser.

POETA, SIM SENHOR!...

Sou um poeta sem endereço
E busco, a qualquer preço,
O Mundo Encantado
Presente na poesia
Que enche de alegria
Meu coração apaixonado.

Sou um poeta errante
E vivo cada instante
Como se fosse meu último dia,
Pois sei que desmereço
Todo e qualquer apreço
Que me é dado em demasia.

Sou um poeta indigente,
Pois vivo tão somente
Dos versos que dou ao mundo.
São versos cheios de paixão
Que fluem de um coração
Apaixonado e moribundo.

Sou um poeta desvairado
E, às vezes, questionado
Se não apenas um sonhador...
Se me é permitido sonhar
E ao vento meus versos soltar,
Então, sou poeta, sim senhor!...

NÃO POSSO

Não posso te oferecer
o brilho das estrelas,
nem os raios do luar,
nem as cores do arco-íris,
nem o perfume das flores.
Se isso eu fizesse,
estaria iludindo-me
com a pretensa esperança
de ser um reles mortal
com espírito de poeta.

Não posso te oferecer o mundo,
Nem um pedaço do céu,
Nem a proteção dos anjos
tampouco a infinidade do amor,
pois é pouco para uma deusa.
Mas posso te oferecer meus versos,
ainda que lhes falte poesia,
pois são eles, a exemplo de ti,
a essência do meu ser,
o significado da minha vida...

CORPO DE MULHER

Deleito-me enquanto observo-o.
E com os olhos famintos
percorro suas curvas sinuosas que,
por meio da maciez da sua pele,
me levam ao obsceno delírio
antes mesmo de alcançar
a genitália que, sedenta de amor,
me espera para a cópula.

E nas saliências gêmeas
do seu busto e da região glútea,
perco-me ante o desejo de saciar
a sede libidinosa de beijá-las
e sentir, nos meus lábios,
o roçar da sua pelugem eriçada
e umedecida pelo suor
expelido com calor do estrogênio.

FOGO

Teu fogo queima meu corpo,
Aquece minh´alma,
Esquenta meu ser,
Afogueia meus anseios,
Incinera meu pudor,
Abrasa minha libido,
Inflama meu tesão,
Ferve meu sangue,
Derrete meu juízo,
Acende meu fogo...

PLANALTINA

Pelas antigas ruas da cidade,
Lembranças me vêm à mente
Aguçando a intensa saudade
Nesse meu peito existente:
Alamedas conheci, é verdade,
Lamento, pois, veementemente
Tê-las perdido com a prosperidade
Inda quando era adolescente.
No entanto, nessa Feliz Cidade
Aprendi, inclusive, a ser gente.

Kora Lopes

Cadeira XXXIX

Patronesse: Cora Coralina



Filha de Balbino Lopes de Almeida e de Francisca Antonio da Silva, *Kora Lopes*, pseudônimo de Coraci Lopes da Silva, nasceu em Planaltina-DF a 11 de julho de 1940.

Viúva, mãe de quatro filhos e avó de seis netos, Kora viu Brasília nascer e crescer e é uma das professoras pioneiras do DF, hoje aposentada. Exerceu, durante sua vida profissional, vários cargos que valorizaram sua vida pessoal.

É uma pessoa extremamente romântica e tem uma ligação muito forte com o Amor, com a Natureza, com o Social e, principalmente, com Deus.

A vocação pelas Letras foi definida ainda na infância, quando desenvolveu o gosto pela leitura de Romances e Poesias, daí começaram a germinar sementes da vontade de escrever e herdou de Cora Coralina a simplicidade, e por isso identifica-se com ela, com a sua poesia, seus contos, sua vida...

Na Presidência da Academia Planaltinense de Letras desde setembro de 2005, Kora Lopes é autora de textos publicados nas antologias: **Momento Literário de Planaltina** (1999) e **Sonhos e Saudades na Abertura do III Milênio** (2000), obras publicadas pela APL.

PLANALTINA, ETERNA MÃE DE BRASÍLIA

Os anos passaram e só agora percebi que tu, minha querida Planaltina, terra onde nasci, cresci e estou envelhecendo, já és uma velha senhora completando 150 anos.

E fico imaginando quantos tu viste nascer, crescer, morrer... e quantos recebeste como uma mãe que adota muitos filhos e os cria com o mesmo amor que dedica aos que ela gerou.

Lembro-me da pequenina Planaltina de outrora, onde seus moradores formavam, apesar das diferenças, quase que uma só família.

Suas ruas eram empoeiradas; a luz parca pouco clareava, mas a alegria e a paz reinavam nesse recanto goiano, longe dos grandes centros, das metrópoles, da violência, da indiferença...

Teu destino, porém, era tornar-te o berço da capital do país e ele foi selado quando no dia 21 de abril de 1960 Brasília foi inaugurada.

A partir daí, tudo mudou. Deixaste de ser uma cidade goiana emancipada para tornar-te “Satélite” sem luz própria, e não és reconhecida como “mãe de Brasília”, aquela que deu suas terras para que o país tivesse sua capital interiorizada.

Cresceste desordenadamente e hoje tens como consequência teus filhos (os que restaram e os que adotaste) assoberbados pela violência, pelo desemprego, pelo descuido com a saúde e com a educação.

Alguns, inclusive, devem estar se perguntando: “Por que lamentar num ano de aniversário ao invés de apenas homenagear?”

Respondendo, então, que este ano deveria ser

comemorado com festas que contam não só a tua história presa no passado, mas também os grandes feitos realizados no presente. Mas como uma filha que ama a sua mãe, eu digo que te amo, Planaltina, assim como todos os teus moradores, e não perco a esperança de ainda ver-te valorizada e reconhecida como a genitora que deu a vida por sua filha: Brasília.

E nesses teus 150 anos, bem ou mal passados, quero homenagear-te porque ainda há os que guardam tuas tradições e tua Cultura, e também os que incorporam outras que chegam para que a nossa cultura nunca morra e nem percas tua identidade.

Parabéns, Planaltina!...

TANTO QUERER

Eu o quero tanto,
Tanto assim,
Que nem o tempo
Nem a vida
Vão levar você de mim.

E é tão grande o meu querer
Que mesmo que passem os anos
E venham os desenganos,
Eu nunca vou me esquecer de você.

Você entrou tão de mansinho
Fazendo festa na minha vida,
Que hoje me sinto perdida
Sem o seu amor... sem o seu carinho.

E é por querer tanto assim
Que eu canto a minha tristeza
E vivo na eterna certeza
De que nada levará você de mim...

MEU LIMITE

Conheço o meu passado
E o momento que estou vivendo
E nem um minuto a mais
Me é revelado.

Do passado tenho histórias,
Muita coisa pra contar;
No presente vivo das memórias
E da incógnita do futuro,
Do qual nada sei falar.

Passado de muitas lutas e, às vezes, de vitórias;
Presente cheio de ansiedade vã
Por não saber se serão tristezas ou glórias,
O que me reserva o amanhã.

Numa coisa, porém, eu creio firmemente:
O futuro pertence a Deus, que é onisciente,
E quem Nele crê, espera e vencerá.
E eu que creio em verdade,
Vou acabar com a ansiedade
E aprender a esperar,
Porque no meu futuro
Eu sei que Ele há de estar.

APENAS AMOR

O amor é um sentimento tão forte
Que quando o sentimos verdadeiramente,
Nem a vida nem a morte
São capazes de levá-lo da gente...

Muitas vezes camuflado;
Noutras vezes, admitido.
Ele é um sentimento alado
Que voa em busca do ser querido...

E por ser sublime, mas impreciso,
Ele nos faz sentir gigantes
Ou às vezes um infante
Brincando no paraíso.

SOMOS TODOS IGUAIS

Orgulho pra quê
Se somos todos iguais?
Podemos até ser diferentes
No ser, no saber ou nos bens materiais!...
Somos, no entanto, semelhantes
Na hora de nos apresentar
Diante do nosso Criador
Que irá avaliar
Nossos atos e ações...
Nosso valor...

Por isso, orgulho por quê?
O melhor é viver fazendo o bem
Sem olhar a quem
E espalhar muito amor, muito mais
Para aqueles que nada têm,
Porque somos todos iguais!

AMOR MAIOR QUE O MUNDO

Amar sem temor...
Amar por puro amor...
Somente amar...
Sem querer recompensa...
Sem resistir... sem pensar...
Sentir a alma densa,
Inundada pela alegria de se doar...

Amar com tal intensidade
Que esse amor ultrapasse barreiras
E siga até a eternidade
Amando sem fronteiras,
Além da fantasia... além da amizade...

Amar verdadeiramente,
Tendo dentro de si algo tão profundo
Que nos faça ver claramente
Que só esse sentimento tão forte
É maior que o mundo
E somente ele sobrevive até após a morte!

MEU CÉU CREPUSCULAR

Quando fito a imensidão à minha frente
E começo a te buscar,
É como se de repente
Aquela imensidão
Fosse um infinito a nos separar...

Vejo um mundo tão bonito,
Mas vazio de amor;
E um abismo de distância
Cheio de saudade, embora sem dor.
Perco-me, porém, em devaneios
E fico a esperar
Que um dia tu apareças
Para acabar com meus anseios
E levar essa tristeza
Que tira toda beleza
Do meu céu crepuscular.

CORAÇÃO PERDIDO NO TEMPO

A música tudo invade:
O vale verde,
O ar e a minha saudade...
Fechando os olhos me perco
Lá bem dentro do meu ser.
E vou viajando... viajando...
Voltando no tempo
E revivendo cada momento
Que ficou perdido,
Mas que não foi esquecido
Por meu coração apaixonado,
Porque ele sabe que vale a pena ter vivido
Simplesmente para amar e ser amado,
Embora o tempo
Meu grande amor tenha levado.

QUANDO A ALMA SE SOLTA

Perco-me na imensidão do horizonte
Que ao longe se descortina
E de novo me sinto pequena,
Apenas uma menina
Que quer beber na fonte
Dos sonhos, e voar sem qualquer destino
Para desvendar os segredos
E todos os medos
Que ainda povoam meu coração...
Lá, talvez eu me encontre
E saia nas asas da ilusão
Para buscar os sonhos perdidos,
Que ainda vivem escondidos
Nos recônditos do meu coração.
No meu horizonte eu sei
Que a minha alma se solta,
Por isso eu nele me perco
Para fugir desse cerco
Que existe à minha volta...

ESTAÇÕES DA VIDA

A primavera já se foi
E com ela as flores que murcharam...
O verão também já passou
E não há mais calor
Nem a alegria
Que traz essa estação...
Agarro-me ao outono,
Mas ele vai se soltando
Como as folhas mortas
Caídas pelo chão...
E aí chega o inverno
E vem o frio... a aridez...
A primavera não mais virá,
O verão tampouco.
Até o outono já vai longe
E não mais voltará para mim...
Sobrou somente o inverno,
Frio e sem vida,
Que me acompanhará até o fim!...

MIGALHAS

Duvidando do teu amor,
A minh'alma se fez nua
E mostrou sem pudor
O quanto eu já sou tua...

E na intensidade desse sentimento
Eu me vi cercada por grande tormento,
Pela incerteza que me deixaste
Em saber que se me amas ou se me amaste...

EMBALOS DA BRISA

O embalo da doce brisa
Que entra pela minha janela
E o horizonte colorido
Com aparência de aquarela
Fazem voar meu pensamento,
Que sai nas asas do vento
À procura da felicidade
Que fugiu faz muito tempo
E só me deixou saudade...

TEU OLHAR

Gosto de te ver me olhando
Ansiosamente, sem nada falar...
Gosto de te ver me amando
Apenas com os olhos, sem se declarar.

No entanto, esse teu olhar
Me enche de ansiedade,
Um desejo de te amar
Apesar da tua idade.

Saber que alguém me quer,
Pensa em mim com muito afã,
Faz-me sentir mais mulher
E me esquecer do amanhã...

Por que pensar no amanhã
Se no meu não hás de estar
E jamais irás saber
Que perturbou-me teu olhar?...

AO CAIR DA TARDE

Cai a tarde, lenta e calma...
E o encanto da nostalgia
Fala fundo na minh'alma.
Fala de tempos passados
E de encantos de outrora,
De momentos encantados
Vindos naquela hora...

Fala de amor... de alegria...
De sonhos idealizados
Numa louca fantasia....

E uma doce quietude,
Que o meu ser todo invade,
Traz um sentir meio rude
Que somente fala de saudade...
Uma saudade doída,
Mas que faz bem ao coração,
Pois traz a lembrança querida
De momentos de grande emoção...
Cai a saudade na natureza
E a saudade no meu coração

Marcos Alagoas

Cadeira XI

Patrono: Castro Alves



Marcos Alagoas, pseudônimo de Marcos Antonino Nunes, nasceu a 07 de Julho de 1964, na cidade de Ouro Verde-GO. Filho de Fidélis Balbino Pereira e de Albertina Nunes Lemes (ambos in memoriam), mudou-se para Planaltina-DF em setembro de 1968.

Marcos Alagoas é funcionário público do DF, além de músico com especialização em flauta transversal e violão. Sempre trabalhou com arte, e como compositor participou de vários festivais de música popular brasileira em Brasília, ganhou alguns prêmios com arranjos de suas próprias músicas e estilos variados como o Baião, Reggae, Afoxé, Bossa Nova, samba. Dentre suas composições, destaca-se “O Moleque”, interpretado por Jess Maia na 3ª faixa do CD Canto Anormalidade.

Incentivado por amigos e pelo filho, que adora poesia, publicou os livros “**O Coração na Mão do Poeta**” e “**Poesia: a Alma do Poeta**”, ambos em 2009.

Dentre os grandes nomes da poesia, Marcos Alagoas exalta a expressividade de Cora Coralina, Fernando Pessoa, Augusto dos Anjos e a filosofia dos grandes pensadores Platão, Sócrates, e Aristóteles.

ÁGUA

Sou rio Amazonas,
Sou rio São Francisco,
Sou rio Tocantins,
Somos irmãos dos demais rios
Do nosso Brasil.
Somos brasileiros,
Obras dessa Nação.
Somos líquidos,
Somos a Pátria,
Somos vidas, para vidas,
Matando a sede.
Que bebam de mim
Todas as espécies existentes...
Sou fonte de água límpida,
Sou mina de água cristalina,
Sou filho da natureza,
Sou veias que correm pelo chão.
Sou nascente que brota de gota em gota
Espalhando-se ,
Formando-se e crescendo
Para o mar meu destino encontrar.
Se me preservar e me respeitar,
Pois gosto do meu jeito,
Minha vida, minha cor tão perfeita
Meu direito de viver.
Pois o meu destino quero percorrer
Com liberdade, sem represar-me
Sou água a passar, por tantos lugares
Não polua! Não me degrade!
Não tenha maldade,
Não tente me secar.
Sou lágrimas desta Terra,

Sou a mãe que dela gera,
O teu fruto,
O teu pão,
A tua plantação!
Bebam-me em Paz!
Mesmo com o que faço,
Não desfaço, compreenda-me!
Diga Não por mim.
A esta poluição, que matará novas gerações...
Pois teus filhos que aqui nascerão
Darão a eles, a falta de consciência,
Pois das tuas mãos,
Criarão contaminação,
Para à vida e suas sementes
“Que injustiça!
Acorde para o mundo.
Sou ser vivo, tenho sentimentos
A estes ferimentos,
Estou preocupado, não nasci para matar,
Sou coração, sou alma
Lágrimas desta Terra!
Sou a Pátria, Sou a vida do seu viver.
Olhe o que fazes comigo!
Que perigo para teus filhos,
Nunca fui a tua fome,
Muito pelo contrário,
Então por que me consome?
Jogam tudo dentro de mim,
Poluem o ano todo!
Deixem me viver!
Sou água do teu ser
Saciem-se sem me matar.
Sou fonte viva da vida,
Sou Água!”

NOVA ERA

O tempo comendo
O tempo,
O homem respirando
O vento.
Na terra o grito de guerra
De um povo à aberração,
Na ponta do dedo uma explosão,
Uma cratera.
Nessa nova era
A vida está por um fio
Porque a paz é um mistério...

POESIA, MÃE DO POETA

Poesia, tu és a palavra viva na consciência
Do poeta,
Mãe da criação,
Filha da liberdade,
Alma da imaginação,
Paz da expressão,
Sentimento vivo do coração.
Te escrevo à caneta.
Entre os dedos da minha mão
Tuas palavras geram emoções,
Concebida mãe.
De ti tenho as mais belas inspirações
Que vêm no vento,
No tempo,
No sentimento,
Ligando veias do coração.
Somos assim, poetas da nação.
Quando tu passas em nossas mentes,
Brilham as palavras
Em defesa da natureza,
Da paz,
Do amor,
Contra a guerra
E a violência nesse planeta,
Nesse hemisfério,
Cheio de mistério,
Pois nele os poetas namoram
Com a Lua, o sol, o Céu azul...
Os olhos se perdem no firmamento,
A mente passeia pelo Universo,
Pois dele agora faço versos

Com liberdade.
As palavras espalham-se
Por todo o Planeta,
Iluminando-nos de corpo e alma.
Mãe poesia, glorifica tua existência,
Pois nos dá palavras,
Consciência,
Amor, carinho, afeto, sensibilidade,
paz espiritual e sentimental...
Transferindo-nos para tantos universos,
Sustentando-nos nas tuas inspirações,
Pois te transformamos em belas obras
Onde refletimos, ó mãe,
As tuas palavras, sabedoria poética,
Exaltando sentimento de paz,
Liberdade da criação,
Mãe dos poetas...

DEUS

Deus, todos os dias,
Pinta o céu em tons de
Branco, azul, alaranjado
E cinza-escuro.
Nessa tela Ele revela
Obras da sua criação.
Nelas surgem estrelas
Brilhantes espalhadas em todo
O Universo, formando constelações.

DOIS ANJOS

Um papel em branco
Vem flutuando do céu
Entre o azul mais lindo,
Vinha dançando, dançando
Ao sopro do vento
Descendo, descendo...
Caiu em minhas mãos.
Nele haviam dois anjos desenhados
E abaixo estava escrito:
“Viemos do céu,
Para trazermos a você
A nossa imagem
E levarmos a sua mensagem, poeta.
Deus pediu que nos encontrássemos
Para que você Lhe envie uma poesia.
Você foi o escolhido!”
Por quê? – perguntei.
Os anjos responderam-me:
“A sua liberdade de expressar
Defende, na sua poesia,
Palavras poéticas, o mundo das desigualdades,
Dos conflitos, dos caminhos espinhosos
De homens mentirosos que se enganam
Destruindo o planeta,
Preparando armadilhas todos os dias,
Pois no desequilíbrio dessas mentes
Você constrói nos seus versos
O positivismo, tentando livrá-los
Das más ações, já que os homens
Estão correndo com a vida,
Destruindo tudo o que veem pela frente!

Parece que a história do passado
Foge da sua memória!...
Por essas tão tolas ações,
Fingem não ver a destruição
Das suas criações. Globalização!...
E mesmo que os mensageiros dessa Terra
Os conscientizem das tempestades,
As palavras sensíveis
Não tocarão mais os seus corações,
Pois a Terra parece não aguentar mais
A ciência e a sapiência dos cientistas
Que , numa evolução lenta,
Provocam o AQUECIMENTO GLOBAL...”

ESTRELAS

As estrelas que existem
Verdadeiramente,
Deus já as colocou no Céu...
Em especial, a de quinta grandeza,
Pois está distante da Terra cento e cinquenta
Milhões de quilômetros anos luz...
Mesmo à distância, ela nos dá a capacidade
De enxergarmos,
pois somos cegos por natureza.
Enxergamos somente através da luz...
Obrigado, Jesus!

O QUE SOU?

Sou a folha
Que o vento
Leva;
As lágrimas
Dos olhos que
Choram;
O coração que o poeta
Namora;
A vida de alguém que
Nasce agora;
O mundo mudo de uma
Imaginação...
O sol que nasce queimando
As manhãs;
A paz dentro de uma guerra;
O amor superando-a...
Os beijos dos lábios amados;
A alegria de um tempo expressivo;
O silêncio que foi rompido;
O som aguçado do meu ouvido;
O grito da liberdade que não foi
Esquecido;
A mão do poeta que escreve...
A criação, a mente, o coração...
Eu sou um pouco de mim,
Eu sou uma nação...

DEUS E O POETA

Pelas expressões harmoniosas
Libertam-se os meus pensamentos,
Onde escreverei as minhas criações...
Pois essas, guardei-as em minha mente,
E delas agora posso transformar
O Céu em um livro aberto...
E nele toda a humanidade olhará
Para o firmamento. E atento
Aos sentimentos de belas frases
Que se agruparão por entre as estrelas,
Preenchendo o Universo de letras,
Versos e poesias,
Deus escolherá a mais bonita
E a levará em Suas mãos
E Se direcionará às estrelas de maior brilho.
Ali, Ele a mostrará à humanidade
O que o poeta escreveu, e eu a escolhi:
“O amor, uma vida eterna, nunca irá morrer.
Ressuscitará por todos os corações do mundo”...
E Deus completou:
“E a PAZ será para toda a nação,
A grande obra desse Planeta,
Pois vocês são a minha imagem e semelhança;
E Eu, a luz do mundo!”

O TEMPO

O que o tempo prepara para mim?
Quantas surpresas caberão
Em meus caminhos
E quantas me deixarão sozinho?
Onde estão escondidas as solidões
Que passaram pela minha vida?
Quanto dias e quais serão as luzes
Que brilharão nestes caminhos?
O que farei para que meus passos
Não se desencontrem
Neste Tempo e espaço?...
Quantas vidas nascerão
E proporcionarão alegrias,
E quantas partirão deixando tristeza,
Melancolia?
A lei da Natureza
Tem no seu trajeto projetos...
Pois Deus também passou por ela!
Quantas palavras ressuscitarão
Em silêncio,
Guardadas em diversos pensamentos,
Espalhadas no mundo
À espera do seu nascer
E dela a liberdade poder expressar?...
Quem fará discurso de tantos livros lidos,
Por tantos olhos que passeiam à procura
De palavras escritas?
E na dor dos tempos sofridos,
Feridos, quantas desigualdades
Espalhadas e nunca sociais,
Tão pouco sentimental,

Ao ponto de perceber que a política
É uma isca para a massa,
Preparada pra dar o bolo a uma nação,
Com o gosto do irracionalismo,
O que o Tempo prepara realmente?
Só sei dizer que o tempo,
Mata o próprio tempo
Pra nascer um novo tempo
E que este novo tempo
Se preparará para a nação...

BRASÍLIA DE OLIVEIRA

Por onde passo
Me benzo , nos teus traços
Desenhados na tela
Dos meus olhos, vejo-te de
Cima para baixo,
Arquitetura escultural.
Menina, corpo de avião
Imaginação fértil,
Meu coração pulsa.
Turista é quem sou,
No teu corpo andando estou
Agora, para onde vou?!!!
Voando, nestas asas Lúcio Costa.
Para onde levar-me-á Oscar Niemayer
Que ali está, amigo poeta!
Sentaremos agora para descansarmos
Na sala Vila Lobos
Um bom uísque,
Uma refinada música clássica,
Escutaremos “Como pode um peixe vivo

Viver fora d'água fria",
Arranjo de Eustáquio Grilo.
Tom sol maior, forte, fortíssimo, piano,
Aplausos no teatro nacional;
Lembranças de Juscelino Kubitschek
Na capital do Brasil.
Brasília de Oliveira, belíssima apresentação
Oscar Niemayer,
O arquiteto de criação esplendorosa,
Esplanada dos Ministérios,
Nela duas mãos juntas para o céu
Da capital Catedral de Brasília.
Das suas obras admiráveis,
Intelectualidade que, iluminada
Por Deus, não lhe faltou a fé.
Congresso Nacional, cérebro do país,
Para finalizarmos este encontro,
Vamos assistir à apresentação
Da Orquestra Sinfônica de Brasília,
Sob regência do maestro Silvio Barbato,
Música do maestro Heitor Villa Lobos,
Bachianas Brasileiras...
Obrigado, Lúcio Costa, Oscar Niemayer,
Juscelino Kubitschek,
Brasília de Oliveira
E todos os brasileiros!...

EXISTO

Lembro que existo
Minha vida como está nesta terra,
Preocupo-me constantemente
Neste mundo tão gigante,
Mas tenebroso, obscuro,
Cheio de conflitos e guerras...
“Penso, logo existo”,
como disse René Descartes,
Nas canções, emoções existentes, contentes
Há tantos sentimentos
Que deixaram um pouco de si...
“Coração de estudante”,
“Pra não dizer que não falei das flores”,
“Imagine”, “Thriller”, “I’ll be there”...
Lembro que existo...
Sou feliz ao ponto de não saber
Que a violência e a maldade desfilam
Livramento pelo planeta.
A natureza grita socorro,
Sou feliz em saber que os poetas pronunciam,
Nas suas inspirações, palavras sábias...
Lembro que existo ao me lembrar
De Charlie Chaplin,
Dos Três Patetas, de Jerry Lewis,
Dos Trapalhões, e de outros...
Lembro que existo,
Longe das bombas,
Corrupções, tragédias, World Trade Center...
Lembro que logo existo, porque Deus é vivo
E a humanidade ora por Ele.
Somos animais racionais,

Sentimentais de caráter moral,
Assim possamos gritar:
“Liberdade para um mundo mais humano,
Sem lembranças
De Hitler, de Bomba de Hiroshima,
Da Bala que matou John Lennon,
John Kennedy...
Lembro que existo, pela paz, por Cristo,
Nosso salvador...

Escrever alimenta a alma
das palavras!!!

O amor é obra da prosperidade.
Doe paz para ele!!!

O dom é uma bênção sentimental
do Criador...

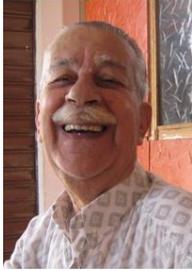
Em meio à hipocrisia, amarga é a inconsciência...

Todo ser carrega dentro do seu Eu
um enigma desconhecido...

As palavras são puras.
Malditas são as bocas impuras...

Vivaldo Bernardes de Almeida

Patrono da Cadeira XXXIV



Morfeu Só, pseudônimo de **Vivaldo Bernardes de Almeida**, nasceu em Uberaba – MG, em 1923. No ano de 1945 ingressou no Exército Brasileiro, a que serviu em Juiz de Fora – MG até 1948, quando se transferiu para o Rio de Janeiro. Residiu nesta cidade por 10 anos. Deslocando-se para a capital de São Paulo, lá residiu por 11 anos. Regressou à sua cidade natal, já como Oficial do Exército, e graduou-se em Letras-Português/Latim, pela Faculdade de Ciências e Letras São Tomás de Aquino. Posteriormente fez especialização em Análise Sintática, na Universidade de Uberaba – MG.

Lecionou, durante vinte anos, em diversos estabelecimentos de ensino, em Uberaba, pertencendo ao quadro de professores da Polícia Militar do estado de Minas Gerais, sendo aposentado.

Ainda nos bancos da Faculdade, interessou-se pela arte poética, publicando o opúsculo **Antigamente Era Assim**, com sonetos, versos livres e trovas.

Hoje, patrono da cadeira XXXIV da Academia Planaltinense de Letras –APL, dedica-se inteiramente ao soneto, objeto único do livro **Coroas Poéticas**, publicado em março de 2005. Em 2006, publicou o livro **Versos Diversos** e em 2009, **Teresinha em Versos**.

Amante da Poesia Clássica, o poeta Morfeu Só nos brinda aqui com alguns dos seus Sonetos, e entre os quais alguns em Versos Alexandrinos.

I – *Sonetos Alexandrinos*

POR FALAR DE MULHER

(a uma prostituta)

Por falar de mulher eu me lembrei de ti,
dos saudosos encontros em discretos lugares.
Das delícias do corpo e da alma eu vivi
contigo em luxuosos e ricos lupanares.

Então, os teus cabelos eram cor de ouro
e tinhas faces lisas e seios abundantes
e tu os exibias a todos, em desdouro,
a dar-me preferência entre os teus amantes.

Eu mentia que te amava: eras mulher do mundo,
mas sinto qualquer coisa... e vem-me cá do fundo,
do fundo do meu cor que nunca te esqueceu.

Mas hoje teus cabelos em prata se mudaram;
o busto se acabou e as rugas te marcaram,
perdeu-se na orgia tudo o que fora meu...

PERDI MINHA VARINHA DE CONDÃO (à minha Terezinha)

Houve um tempo... ah, saudade eu sinto dos anos
em que volte à minha alegre primavera
quando ainda não conhecia os desenganos
que jamais pensei me machucassem à vera.

Anos dourados... quando o mundo era nosso,
quando éramos um do outro... Você e eu,
eu e Você a sós, beijando o que não posso
esquecer, que seus lábios, um dia, foram meus!

Houve um tempo em que tive um mundo sem igual:
tinha eu comigo a varinha de condão
que fazia nosso lar um castelo de cristal

refletindo nas paredes a cor do amor,
amor de cada dia, como era o nosso pão,
mais e mais aquecido e crescido d'ardor.

A quem já teve o seu mundo nas suas mãos,
como eu já fui senhor da sua afeição,
é cruel perder sua varinha de condão...

O MEU IDIOMA

(ao poeta-maior, Olavo Bilac)

Já foste inculta sem deixares de ser bela!
Hoje tu esplendes o fulgor da cultura.
Se vieste da ganga, és a prata pura,,
se hoje és farol, já foste a luz de vela.

Amo-te assim com clareza e sem censura,
o teu timbre de bravura ou suave brandura,
quando ruges qual leão ou bales qual gazela,
ornando teu vigor com tinta de aquarela.

Amo o teu poder vindo da antiga Roma,
a Língua de Bilac no seu “Remorso” amargo,
chorando o que perdeu com as suas palomas,

da qual a minha mãe usou o estribilho
mil vezes a dizer com um sorriso largo:
“Oh! meu filho querido! Oh! meu querido filho!”

PÁGINA VIRADA

Debato-me com meu terrível baixo-astral,
vivendo este inferno em que tu me lançaste
sorrindo-me assim de um jeito banal,
distante e alheia como a um mero traste.

Por isso, tudo ficou somente em saudade,
saudade que me rói, desgosto que me mata
sentindo o nosso fim depois dessa verdade
que nada já me diz senão que és ingrata.

Depois do que te dei, jamais pensando em preço,
deduzo que assim me vendeste o teu brio
e o teu fingido amor tem novo endereço.

Mataste o meu amor com a tua punhalada,
pois ele se acabou ficando o seu vazio,
passando como passa a página virada.

VERSOS ALEXANDRINOS

Não vou discriminar tampouco esquecer
os filhos “mais pequenos”, encanto do poeta,
os que nasceram só duma sílaba única,
somente uma gotinha em cada um dos versos.

Um pinguinho de mel que faz umedecerem
os olhos do leitor na sílaba discreta,
assim como se fosse uma linguagem rúnica,
trazendo, no total, sentidos mais diversos.

Porém, grande distância existe entre essa joia
e a arte que se vê no verso Alexandrino,
feitura do prazer de branda paranoia

que torna o seu aedo em exímio maestro
autor das doze notas escritas no seu hino,
de modo tão constante a se fazer um sestro.

II – *Outros Versos*

NOMES QUE ESCREVI

Entre os muitos nomes que escrevi,
alguns ficaram, outros esqueci
na noite do Tempo irreversível,
na estrada do retorno impossível.

Que será da Fátima e daVivi?
Onde estarão os olhos de Patrícia
e o sorriso da morena Luci?
E aquele jeitinho de Fabrícia?

São nomes que passaram e se foram,
ofuscados pelo clarão de Andrea,
fugazes fogos d'artifício que estouram...

São rosas amarelas que murcharam
ao sol ardente da flor de azalea
plantada no meu cor, raízes que viçaram.

SÓ PARA...

Só para lembrar a nossa estupefaciente premiére,
bem próxima à loucura ilimitada
por nós estarmos ligados a mil ampères
que faziam ferver nossa ânsia aloprada.

Só para ouvir, de novo, aqueles teus gritinhos
ressonantes pelos corredores d'hotel
no momento em que saboreavas o mel,
na taça cristalizada dos meus carinhos...

Só para dizer que, depois da nossa estreia,
tu me fizeste esquecer outras mulheres,
outros nomes que não me soam como Andrea.

Só para confirmar o mil vezes já dito:
meu amor é maior que outro qualquer
e não tem tamanho porque é infinito!...

INSANA FATALIDADE

Quando o meu chão se abriu aos meus pés,
vendo a profundidade da fossa,
pensei não resistir ao terremoto
que sepultou todos os nossos planos.

Planos anulados pelo revés
que se nos abateu e nos acossa
desde indefinido tempo remoto,
rudez dos nossos destinos insanos!

Enorme pedra no nosso caminho...
porém, não maior que o nosso amor,
amor imune a qualquer espinho

que possa feri-lo na adversidade,
embora se mostre avassalador,
tal qual é a nossa fatalidade.

HINO DE AMOR

(à minha saudosa Terezinha)

Plantei no meu jardim chamado coração
a muda-flor, presente do nosso destino,
para conjurar a surdez da solidão,
voltando a ouvir a harmonia do hino

que a mim tu cantaste e a mim encantaste
ao entoarmos suas notas melodiosas
no nosso dueto, quando tu as solfejaste,
uma-a-uma, qual fossem pétalas de rosas

orvalhadas d'amor, extraídas da pauta
que o Maestro-Maior compôs e cantou,
como a voz suave de uma romântica flauta

em surdina, no silêncio afagador
com que o nosso destino nos premiou
juntando as setes notas num hino de amor.

METEMPSICOSE

Em outras eras já muitíssimo remotas
nós, duas almas, habitantes do Universo,
navegamos as mesmas águas do nosso habitat,
estágio natural desses bilhões de rotas,

a serem percorridas do micro ao macro,
do uno ao mult, ao Tudo ainda submerso
nas ondas escuras, ignaras, das bactérias,
ao supremo esplendor das regiões etéreas...

Embora muito nos falta, ainda, a subir
nos mil degraus da escada evolutiva,
hoje, tu e eu, aprendemos a sorrir

como já fazemos em sublime simbiose,
esquecendo a nossa origem primitiva
a viver novo estágio da metempsicose.

JÁ NADA MAIS ME RESTA

Já fui, entre os homens, um dos mais felizes.
Já tive entre as mãos um mundo encantado.
Já desafiei Cupido na arte de amar.
Já fui, das Colombinas, maior que Pierrô.

Mas, hoje, a minha sorte mostra seus deslizes:
só tenho, entre as mãos, um mundo esfarrapado;
não sei quem é Cupido e só vivo a chorar.
Se já fui um pierrô, hoje sou um robô

a vagar, sozinho, sem rumo, sem destino,
por estares te distanciando da verdade
de que não te desviavas com teu claro tino.

Ah, Destino... Ah, Fado... Ah, Sorte malvada!
Serei eu a vítima da insanidade
se puderes trocar-me pela minha amada!

Se quiserdes saber, simplesmente, o porquê,
direi eu que é a infinita saudade
de ouvir de novo dela: “Nasci pra você”.

INCERTEZA

Incerta e sem um norte que a oriente
caminha esta minh'alma solitária,
habitando este corpo decadente
na reta já final da funerária.

Meus versos bem definem a incerteza
e tingem de escuro o meu porvir,
guiados pela lei da natureza
e inútil é querer deles fugir.

Entanto o desejo permanece
e mostro-lhe o meu corpo envelhecido,
mas ele, com vigor, não esmorece.

Acato ser o amor imorredouro
na luta entre a mente e o desejo,
e voto no segundo sem desdouro.

E hei de assim viver do infinito
dando graças por ter este almejo
e de amor mil palavras ter escrito.

VEM, POTIGUAR!...
(À Andréa França de Sá)

Vem que te quero muito, amiga e companheira;
vem que te quero muito, assim como tu és;
vem e me traze a cor da face bandoleira;
vem e me traze o sal em ambas as lorés.

Potiguar! Potiguar! Tu és de Mossoró
e lá o sol reluz queimando os olhos teus;
e de lá quem já voltou, aqui não vive só;
de lá trouxeste a luz, cegando os olhos meus.

Tua boca me seduz, teus olhos me perturbam;
teus dentes de marfim são jóias preciosas,
e cuidas com carinho as faces mui mimosas.

São dotes que possuis, são coisas que conturbam
quem ama a beleza e pensa em amor,
abrindo os corações como se abre a flor.

HOSANA À ACADEMIA PLANALTINENSE
DE LETRAS

“Cessa tudo o que a antiga musa canta,
porque outro valor mais alto se alevanta”
desta voz repetindo os versos d’Os Lusíadas”
ou tornando Planaltina noutra Troia de “Ilíada”

tomada pela tropa intemorata e bela,
reduto da Cultura, abrigo do aedo,
trincheira das palavras em cor verde-amarela,
dos românticos versos aos contos de enredo.

Recanto da Cultura, oásis do saber!
Ergue o teu nome, desfralde a tua bandeira,
Descobre quem pretende te enobrecer!

Conjuga esse teu verbo aos quatro ventos!
Avante, APL!... encare as barreiras,
frutos que são do teu infrene crescimento.

Wilson Gonçalves

Convidado Especial



Wilson Gonçalves da Silva, filho de Raimundo Gonçalves da Silva e de Edmária Lopes da Silva, nasceu a 29 de maio de 1964, em Sobradinho-DF. Mudou-se para Planaltina aos 14 anos de idade. Aos 15, escreveu seu primeiro poema: “*Criança no Lixo*”.

Hoje, no auge dos seus 45 anos, Wilson Gonçalves trabalha como Segurança e, entre uma pausa e outra, aproveita a maturidade dos seus sentimentos e do conhecimento adquirido no percurso da vida para poder expressar, por meio dos versos que escreve, seus sonhos, suas fantasias, seus desejos, seus anseios...

Pessoa simples e humilde, Wilson faz questão de agradecer a todos que o ajudaram a tornar possível a realização do seu sonho: *ver seus textos publicados*. E os agradecimentos especiais vão para os amigos *Dr. Agostinho Silva e Alessandra Silva Brito*.

CRIANÇA NO LIXO

Passando por um lixão,
Lá eu vi um cão
Faminto e sarnento
Procurando alimento
Naquela podridão.

Não tive pena nem dó,
Com nada me comovi,
Mas não me sai da lembrança
A outra cena que vi:

Tão sujinho e inocente,
Um filhotinho de gente
O lixo a escarafunchar.

Isso me ardeu o coração,
Pois apesar da podridão
Ainda deu pra notar:
Ele tinha um sorriso no rosto
E esperança no olhar...

TRISTE

Bem que gostaria
De falar em alegria
E fazer alguém sorrir!
Mas não adianta tentar,
Pois algo irá me faltar,
Não vou conseguir!

De que vale a utopia,
Falsa alegria e sonhos banais?
Soma em teus dias, tuas fantasias
Então tu verás, as dores são mais!

Por que o palhaço
Pinta o rosto e adorna o nariz?
É para esconder o desgosto
E fingir que é feliz!

Na roseira deu espinhos
O sol tem seu ardor
Em meus caminhos de escombros
Não encontro o amor!

Gemendo e chorando
A minha cruz vou carregando
Até chegar ao fim
Desta vida de labor!

Quando a morte me chamar
Que ninguém chore por mim
Enfim cheguei ao fim
Desta vida de penar!

Esse mundo é muito insano
Difícil de se entender
Talvez encontro na morte
A razão para viver!

SAUDADES

Campinas verdejantes
Da terra onde nasci
Há tempos vivo distante
Mas nunca vos esqueci!

Oh, torrão da minha infância
Que jamais esquecerei!...
Tu vives em minhas lembranças,
Um dia retornarei!

Riacho de águas límpidas
Que escorrem do alto da serra,
Meus olhos te imitam
De saudades da minha terra!

O dia em que eu retornar
Espero te encontrar
Tão verde como deixei,
Se te ver de outro jeito
De desgosto eu morrerei

PAIXÃO

Dor dolorida
Dói o dente e a cabeça
Dói a perna e a barriga

Dói a dor de um amor
Dói a dor de uma ferida
Dói a dor da falsidade
Dói a dor da despedida

A dor da solidão
Dói na alma e no coração
Mas a dor mais dolorida
É a dor de uma paixão!

CORAÇÃO NEGRO

Noites negras
De intensas tempestades
Raios, trovões, maldades
Pântanos, umidades
Monstros, calamidades

Chuva que cai na escuridão
Mata fechada,
Negro cão!

Desespero, medo
Tristeza e solidão
São retratos
Do meu coração!

SONHO

Se eu pudesse voar...

Fugiria da peste,
Da fome e da guerra,
Mudaria da Terra
Para outro lugar

Se eu pudesse voar...

Do azul infinito
Mandaria meu grito
Para alguém escutar

Se eu pudesse voar...

No universo sem fim
Procuraria por mim
Até me encontrar.

Se eu pudesse voar...

ERMITÃO

Lamparina a querosene
A crepita na prateleira
Meu coração também crepita
Nesta vida passageira

A vida não me deu nada
Mais nada irei levar
No dia que a fria morte
Os meus lábios vier beijar

Amigos eu não tenho
Nem dinheiro pra gastar
Eu só tenho a lamparina
Pra minhas noites clarear

Seu pavio está findando
E muito em breve se apagará
Vá buscar a lamparina
Pra tuas noites clarear.

QUEM ME DERA...

Quem dera eu pudera
Domar uma fera
Depois montar nela,

Saltar a janela e roubar
Bem aquela que meu
Coração está em suas mãos

Que ela roubou
E não mais me entregou
E toda esta dor
Comigo ficou

Se ela se arrependesse
E quisesse voltar
Eu não iria aceitar

Só assim poderia me vingar
E a cicatriz do meu coração
Poder apagar.

MENINO DE RUA

Qual é a tua, menino sujo,
Que cheira cola
Pede esmola
E mora na rua?

De onde tu vens
Para onde tu vais
Quem é tua mãe
Quem foi o teu pai?

Tu pareces tão destemido
Enturmado e contente,
Às vezes te invejo.
Ô menino valente!...

Mais na penumbra da noite,
Em total solidão,
Escondido num canto
Pra ninguém te notar

Tu derramas teu pranto
Na ardente paixão
de não ter um lar.

REVOLTA

Vento leve-me em tuas asas
Quero fugir das desgraças
Deste mundo tenebroso

Não sou covarde nem medroso
Mas também não sou feliz
Pois a vida me negou
Aquilo que mais eu quis.

Sonhei com a verdade
Busquei a sinceridade
E jamais as encontrei
Só achei a felicidade
Nos lugares onde andei

Na verdade ouvi mentira;
No amor, desilusão;
No sorriso, a falsidade;
No olhar, a traição.

Agora, desiludido,
Já não posso nem sonhar,
A não ser que mude o mundo
Ou meu jeito de pensar.

OPERÁRIO

Arranco a roupa suada
Roda empoeirada
No fim da lida cansada

Entro na água fria
Lavo o corpo que já se atrofia
Do cansaço de mais um dia

Como a comida minguada,
Deito na cama quebrada,
Me cubro com a colcha rasgada
E descanso o velho corpo
Para uma nova jornada.

DEUS

Porque me vergas na terra a fronte
E absinto me fazes beber?
Qual mal te fiz na vida
Que tanto me fazes sofrer?

Aquilo que eu mais temo
É sempre o que me vem
No mundo cheio de gente
Na vida não sou ninguém

Mas de uma coisa eu tenho certeza
E sempre irei acreditar:
Enquanto eu tiver vida,
No Senhor vou esperar

DECADÊNCIA

Estamos em pleno Brasil
Ainda podemos sentir o cheiro das matas
E contemplar o céu cor de anil

Estamos em pleno Brasil
Ainda podemos ouvir o eco do brado retumbante
Que deu liberdade a este estandarte
Gigante.

Estamos em pleno Brasil
A terra do sertanejo que vai à roça trabalhar,
Com suor ganhar o pão pra família sustentar

Quando chega a tardinha no riacho vai banhar
Tirar o suor do corpo e aproveita para pescar

Aos domingos vai à missa
Vai com Deus desabafar
Pedir que mande chuva para colheita não faltar

Brava gente desta terra
Que a guerra não faltou
Em defesa dos seus sonhos
A própria vida não poupou

Oh, soldado brasileiro, que o sangue derramou!
Que em nome de sua nação lutou de coração
Por um povo sonhador

Brasil, terra gigante de sonhos, esperança e paz!
Quem conhece suas fronteiras
Não esquece nunca mais

Oh, Estados brasileiros!
O quão belo todos são
Cada um com seu sotaque,
Com a sua tradição,
Sem falar da Amazônia e sua vegetação

Oh! Mas o que estou vendo,
O que está acontecendo?
Políticos sem coração
O país estão vendendo!

Crianças brasileiras de fome estão morrendo
E aqueles que não plantaram
Nossos frutos estão colhendo

Aqueles que foram eleitos
Para defender os direitos do povo trabalhador
Hoje vivem na escol, na mais alta e fina flor.

Em tuas taças de cristais bebem o sangue
Oh, marginais deste povo sofredor!...

DESTINO

Em uma manhã ensolarada
Uma rosa perfumada
Desabrochou em um jardim.

Uma lagarta asquerosa
Que por lá ia passando
Ao ver a beleza da rosa
A ela disse chorando:

Oh, linda princesa
Coroadada de beleza,
Eleita da natureza,
Como invejo sua grandeza!...

Você mora nas alturas,
Não conhece a solidão
Enquanto eu, desgraçada,
Vivo sempre jogada,
Me arrastando pelo chão.

Quem passa por você
Para pra lhe contemplar,
Mas se alguém passar por mim
Pensa logo em me matar

Você cheia de beleza,
É o símbolo do amor...
Eu sou cheia de feiura,
Sou símbolo do horror.

Eu queria saber de Deus
Qual foi o mal que eu fiz
Que me fez tão desgraçada,
Na vida tão infeliz.

Então lá das alturas,
Com um olhar de ternura
A rosa assim respondeu:

Você fala como louca
Que não tem entendimento.
Olha a minha beleza,
Mas não vê meu sofrimento.
Estou presa aqui no chão
E jamais irei andar,
Mas você, com longas asas,
Bem mais alto irá voar.

Sem entender nada a lagarta dali partiu,
Construiu um casulo e dentro dele dormiu.

Pouco tempo depois,
Chorona se despertou
Uma linda borboleta com asas multicolor.

Relembrou da velha rosa
E de tudo que falou,
Mas veio o passarinho e a coitada degustou...

Copie essa lição e aprenda a ser feliz
Lá em cima ou lá embaixo
Foi assim que Deus o quis.

Fernando Pessoa
(Patrono máximo da APL)

AUTOPSICOGRAFIA

O poeta é um fingidor
Finge tão completamente
Que chega a fingir que é dor
A dor que deveras sente.



E os que leem o que escreve,
Na dor lida sentem bem,
Não as duas que ele teve,
Mas só a que eles não têm.

E assim nas calhas de roda
Gira, a entreter a razão,
Esse comboio de corda
Que se chama coração.